

★ COLEÇÃO MINIATURA ★

Jorge de Sena

SINAIS DE FOGO

LIVROS DO BRASIL

I

Ramon Berenguer de Cabanellas y Puigmal já era célebre, quando, por fusão de duas turmas, passou a ser meu colega no 6.º ano dos liceus. As suas calmas e sonhadoras extravagâncias, o seu ar de senhor de idade, o mistério adulto de que rodeava a sua figura pequena e atlética, a sua profunda convicção de que, desde o século XII ou XIII, a Espanha devia à sua família o condado de Barcelona, as perguntas absurdas, feitas com o ar mais convicto e ingênuo do mundo, com que ele era o terror dos professores inseguros, e o seu famoso sistema filosófico que tudo explicava e o dispensava, «graças ao controle das energias do cérebro», de estudar as lições (salvo em casos de última emergência), tudo isto não fazia dele um ídolo nem um chefe, mas um ente respeitadíssimo, apesar da ironia com que todos o apontavam. Uma vez, numa aula de filosofia (o professor era um pobre diabo, muito lendário pela degradação intelectual a que chegara, e a quem, certo dia, na indisciplina ruidosa que eram essas aulas, demonstrámos o argumento de Diógenes arrastando todas as carteiras, sentados nelas, para os vários cantos da sala), D. Ramon levantou-se, e objetou que todos os seres vivos tinham alma, o que, segundo as regras da ciência, era uma verdade, e não um ponto controverso da especulação filosófica. Fez-se um silêncio de expectativa risonha. E o professor, debruçando sobre a secretária os bigodes pendentes e amarelados, perguntou-lhe: – Quais regras da ciência? –. E ele, entreabrindo os lábios finos que nunca se sabia quando sorriam ou

se apertavam de contrariedade, respondeu: – A observação e a experimentação. – Ah, muito bem, e como foi que o senhor observou e experimentou a alma dos animais? – Como, senhor doutor? Pessoalmente –. E foi uma gargalhada geral. Ficou imperturbável. – Pessoalmente? – repetiu o professor. – Sim senhor. Fotografando a morte de um gafanhoto –. Nova gargalhada. – Um gafanhoto? E o que deu a fotografia? – continuou o professor como que desperto da sua sonolência costumeira. – A fotografia, senhor doutor, foi tirada por um irmão meu, enquanto eu matava o gafanhoto. Mas de modo que se visse a alma passar. E, nela, vê-se nitidamente a alma subindo ao céu. – A alma do gafanhoto, a alma do gafanhoto – repetíamos todos por entre as risadas. E ele, circunvagando um olhar por sobre as nossas cabeças, afirmou: – Sim, a alma do gafanhoto subindo ao céu –. O professor riu também, como nunca o tínhamos visto rir: – Essa é boa, Sr. Puigmal, essa é muito boa. Subindo ao céu? Ah, ah, ah. E como subia ela? – Em espiral, senhor doutor –. Foi um charivari de riso. Ele levantou a mão, solicitando silêncio; o rosto enublou-se-lhe de um ar muito compungido, e disse: – Perdão, eu equivoquei-me –. Todos ficaram suspensos da pausa que se seguiu; ele ia, num golpe de teatro, confessar a brincadeira. – Equivoquei-me, cometi um lapso, não era em espiral, era em hélice que ela subia –. E sentou-se. Foi estrangido o riso que se seguiu. O professor enfureceu-se: – E essa fotografia onde está? Tem-na aí consigo? Tem? Passe-a para cá –. O Puigmal levantou-se muito digno: – Tenho, sim senhor, mas não há lei nenhuma que possa obrigar um cientista a revelar os documentos das suas pesquisas, enquanto não estiverem concluídas –. Os nossos olhares iam de um para o outro. – Não há? Não há? Pois sou eu quem manda. Eu! Ouviu bem? Eu! –. Nunca o tínhamos visto assim. – Não posso, nem devo, até porque as experiências não me pertencem, mas a meu irmão também. – Ah não pertencem? Não lhe pertencem, porque o senhor é um intrujão.

– O senhor doutor ofende-me sem necessidade. Mas todos os cientistas esperam sempre a hora de serem mártires. Peça licença para me retirar –. A esta altura o silêncio e a imobilidade eram totais. – Pede-me licença? Pede-me licença? Eu é que o ponho na rua, e vou participar do senhor. Saia! Ponha-se lá fora! –. Ramon ajustou o fato, saiu da carteira, passou por entre as filas, e, ao pé da porta, voltou-se para dizer: – É uma injustiça que o senhor comete. Eu fotografei, com meu irmão, a alma do gafanhoto. Mas nem teria sido preciso senão como documento. Porque eu vi-a –. E, abrindo a porta com a sua mansidão, saiu. Alguns tentaram rir-se. Todos estávamos perplexos. Mas qual não foi o nosso espanto, ao perceber que o professor chorava: – A mim... Isto só a mim... E se eu tivesse feito o mesmo com a Alicinha, quando ela morria, quem sabe, quem sabe... –. A Alicinha era uma filha dele, todos sabiam, que morrera já crescida, e sobre a qual, nos seus devaneios, às vezes dissertava em aula. Felizmente, a campainha veio tirar-nos do embaraço. E corremos para o pátio, onde Puigmal se passeava de mãos atrás das costas. As opiniões dividiam-se: ele exagerara na brincadeira, aquilo era a sério, não era... Fizemos um apertado círculo à volta dele. E o Mesquita, que era o sempre reeleito chefe de turma, pelo prestígio das suas aventuras amorosas (era amante de uma mulher casada, e que não era a primeira, não), plantou-se na frente dele, e perguntou: – Puigmal, essa do gafanhoto... tu inventaste para gozar o gajo? –. Ele levantou os olhos indiferentes e claros na face quadrada e mate, e repetiu: – Eu vi. – Viste o... – disse o Mesquita. – Não, isso não vi. Mas a alma do gafanhoto eu vi –. O Mesquita ergueu a mão, com o ar de quem significava que o que ele fazia ao velho Torres não lhe fazia a ele. Mas baixou-a, talvez pensando que um dos poderes do Puigmal era saber luta, e arriscava a sua autoridade ante demasiado público. E disse: – Tu juras que é verdade essa história? – Claro que juro, e pelo que vocês quiserem. E é o que repetirei ao reitor, se ele me

chamar. Mas não chama, que o Torres não participou de mim –. A expectativa desperdiçou-se na discussão de se o professor participaria ou não. E a campanha convocou-nos para a aula seguinte, a última da tarde. Eu e o Mesquita costumávamos voltar para casa juntos, porque morávamos perto um do outro, e eu era como que o confidente das suas proezas. Puigmal fazia também caminho para o mesmo lado, mas morava muito mais longe do liceu que nós. Nunca, porém, entre nós e ele, se estabelecera convívio que permitisse voltarmos os três juntos, talvez porque sempre ele assumia, no pátio, ares de experimentada superioridade, quando o Mesquita aludia, aliás sem alarde mas com hábeis reticências, às suas aventuras. A alma do gafanhoto, naquele dia, aproximou-nos dele. E datou de então a nossa amizade.

Não foi, a princípio, uma amizade fácil, e creio mesmo que o não foi nunca. Mas nós tolerávamos a sua displicência, o condado de Barcelona, a alma do gafanhoto, os mistérios, em troca de uma fascinante simpatia que afinal, sem que antes tivéssemos notado, irradiava dele, num misto de alegria infantil e acaciana gravidade, iluminando-lhe o rosto quadrado e vago, quando dissertava sobre o que lhe vinha à cabeça. Nós já éramos suficientemente maduros de espírito, para percebermos a que ponto quase nada do que ele dizia tinha base concreta, ou provinha do mínimo estudo. Mas descobríamos, pouco a pouco, que não havia a mínima falsidade no que ele deduzia ou inventava, ou, o que era o mesmo, que ele vivia num mundo seu, onde não penetravam as ideias dos outros, e onde quanto ele pensava tinha valor idêntico ao que houvesse pensado um Newton qualquer. E esta segurança que se desfazia a descobrir as demonstrações dos teoremas, se recusava a ler qualquer obra literária (porque, quando ele escrevesse, faria um livro *definitivo* que não poderia ser, de antemão, influenciado pelo estilo de ninguém), e nada nos confidenciava da sua vida (porque um homem, para sê-lo, só se confessa ao seu demónio familiar), se era muito irritante,

foi perdendo, com o tempo, a finura do traço, e, com o hábito, o poder de ferir-nos, do que ele tirava, acabámos reconhecendo, um inocente prazer. E já não estranhávamos o tom doutoral com que ele ia descobrindo, com condescendência, as coisas que nós, os outros dois, já tínhamos estudado.

Rotativamente, estudávamos em minha casa ou na do Mesquita. A casa do Puigmal era como que um recinto sagrado de que ele, com delicada reserva, nos afastava. O Mesquita, não sei por que coincidência, conhecia-lhe a família: o pai, a mãe, o irmão mais velho. E, às vezes, falando-me deles, manifestava a sua incompreensão de uma reserva que nada do que ele sabia parecia justificar. Eram pessoas como as outras, muito simpáticas, bondosas mesmo, que viviam bem, sem nada que esconder. E nada mais natural que os amigos dele irem a casa dele estudar, do mesmo modo que ele vinha às nossas casas. Mas sempre ele desviava as alusões a um rotativismo tão unilateralmente cumprido. E contra uma obstinação dele não havia rodeio que prevalecesse.

Um dia, o Puigmal faltou às aulas. No dia seguinte, também. À tarde, ao voltarmos do liceu, o Mesquita e eu considerámos que ele estaria doente, e que o melhor era telefonarmos a saber dele. Naquele tempo, os telefones eram raros, mas tanto o Mesquita, como o Puigmal, tinham telefone.

– Acho que podíamos ir visitá-lo – disse eu.

O Mesquita olhou de revés para mim, e sorriu. Fomos.

Parámos diante do prédio, nas Avenidas, que era imenso (para aquele tempo). A entrada, muito pomposa, era sombria.

O Mesquita, olhando para as janelas em que o sol do poente brilhava, disse: – E se ele se zanga connosco? Não seria preferível telefonarmos primeiro, de qualquer parte?

– Corremo o risco – disse eu. – Se ele diz que não quer visitas, quando é que a gente consegue outra ocasião de quebrar este enguiço?

Entrámos, subimos a escada até ao primeiro andar em que ele morava, e parámos no escuro, fitando a campainha dourada que havia na porta.

Foi a minha vez de hesitar. O Mesquita tocou a campainha. O silêncio começou a rodear-nos de uma crescente penumbra que cheirava a bafio, cera e passadeira de esparto.

– Tocamos outra vez? – perguntei.

– Espera – e ambos colámos a cabeça à porta. Nada se ouvia. Parecia que não havia ninguém em casa. A minha campainhada retiniu fortemente. Nada.

– Se calhar, não estão cá, foram todos de viagem para a quinta – disse o Mesquita. A quinta que o pai de Ramon havia recentemente comprado, nos arredores de Lisboa, era-nos conhecida pelas alusões dele, e, no escuro, revi as imagens que ele evocava: uma casa antiga e baixa, escondida entre o arvoredado, na encosta de uns montes, longe de tudo, as adegas abandonadas e cheias de palha, as portas que rangiam, os candeeiros que, em cima da mesa, três e quatro, não bastavam para afugentar as sombras húmidas que persistiam nos cantos da sala.

– Vamos embora – disse o Mesquita. – Foram todos para fora. Por isso é que ele faltou.

E começámos a descer a escada. Íamos no patamar, quando a luz se acendeu. Parámos, voltados para cima. A porta entreabriu-se, e a cabeça de Puigmal espreitava.

– Que é que vocês querem? – e a voz dele era inquieta e contrariada.

– Faltaste dois dias... Julgámos que estivesses doente, e viemos ver-te – respondi eu.

– Hum... Mas não estou doente – e a cabeça sumiu por momentos, olhando para dentro, e logo voltou.

– Bem... – disse o Mesquita. – Se não estás doente, vamos embora.

– Já que aí estão, subam – e a porta abriu-se.

Subimos e entrámos. A casa tinha um corredor imenso, com portas a um lado e outra ao fundo. Mas foi para uma sala logo à esquerda da porta, que ele nos fez passar. Era uma sala grande, estranhamente vazia, com sacadas para a avenida, em que havia daquelas antigas secretárias muito altas, de se escrever em pé nos grandes livros de comércio, encostadas às paredes. Atrás de Puigmal que fechara a porta e nos ultrapassara, entrámos numa outra sala contígua, também iluminada já por uma lâmpada nua que pendia no teto. Ele postou-se atrás de uma pequena secretária que estava perto da janela, e disse: – Sentem-se –, e sentou-se ele mesmo, com as mãos unidas sobre a secretária, com o ar de quem nos dava audiência.

Nós sentámo-nos em cadeiras que, além de uma poltrona pequena e de uma estante de portas envidraçadas com cortinas amarelas, eram, com a secretária e a cadeira dele, a única mobília do pequeno escritório. O mesmo cheiro de bafio, cera e passadeira, que havia na escada, era o que havia ali, como se numa casa que, depois de limpa e encerada, tivesse ficado desabitada e fechada por muito tempo.

– Como estiveste dois dias sem aparecer no liceu, ontem e hoje, e não tinhas dito que ias para a quinta – disse o Mesquita –, julgámos que estivesse doente, e viemos ver-te.

– Podiam ter telefonado.

– Podíamos – disse o Mesquita, e um silêncio constrangido se seguiu.

Então, solene, o Puigmal explicou: – Os meus pais foram, com as criadas, para a quinta, mas eu e o meu irmão, por causa das aulas, ficámos cá.

Eu e o Mesquita entreolhámo-nos, perplexos.

– Mas aproveitámos a oportunidade para fazermos algumas experiências.

Creio que não contivemos ambos um sorriso em que havia

a lembrança da alma do gafanhoto. O Puigmal percebeu, e acrescentou: – Não dessas, outras experiências.

– E o teu irmão onde está? – perguntei eu que nunca lho vira, mas sabia que ele frequentava medicina.

– Está lá dentro, precisamente concluindo a sua parte numa.

– Ah – disse o Mesquita que conhecia o irmão. – E é de medicina a experiência dele?

– Não propriamente. Mais exatamente é de anatomia, e de fisiologia também – e sorriu com misteriosa malícia.

Os olhos do Mesquita brilharam logo.

– Ah, foi então *isso* que tu ficaste fazendo? E em casa ... Sozinhos? ...

– *Isso* é uma longa história ... – e o Puigmal recostou-se num espreguiçamento que era muito dele, quando queria sugerir um mundo de prazeres discretos.

– Conta – disse eu, esperando já uma daquelas histórias em que se não sabia a parte da verdade e a da mentira.

– É muito simples – começou ele. – Nós ficámos realmente por causa das aulas. Os meus pais às vezes vão para fora, e fazem isso para aprendermos a arranjar-nos sozinhos (a compra da quinta era recente, e, antes, ele falava em que o pai, por causa dos negócios, viajava muito, mas sempre só). E o caso é que nos arranjam. Tu lembra-te de eu te ter contado – e dirige-se ao Mesquita – aquela história das nossas vizinhas das traseiras? Duas irmãs que moram neste quarteirão, mesmo por trás de nós? (o Mesquita assentiu de cabeça, mas eu lembrava-me também de uma história parecida e que era uma das grandes aventuras do Mesquita: de como ele era amante de uma fulana que morava num prédio cujas traseiras davam para o quintal da casa dele, e de como ele, de noite, já deitada toda a gente, ia para casa dela, saltando o muro e subindo a escada de serviço, em pijama, e de como, uma vez, o marido chegara de viagem inesperadamente, e ele ficara horas, ao frio, completamente nu, escondido

no fundo da escada de serviço, sem poder saltar o muro, porque o marido, em cima, fazia sentinela, gritando que mataria o dono daquele pijama que não era seu, e a mulher gemia: – Mas é teu, é teu, eu durmo sempre com o teu pijama, quando não estás cá... Olha a vizinhança que te ouve...).

O Puigmal continuava: – Pois é essa história. Sempre as namorávamos por sinais. E, ontem e hoje, como só estávamos nós em casa, elas saíram para as aulas, deram a volta ao quarteirão, de manhã e de tarde, e vieram estudar connosco.

– E estão lá dentro? – perguntou o Mesquita. – Viemos interromper a lição?

– Estão. Mas a lição desta tarde já devia ter acabado, são mais que horas de elas chegarem a casa. O pior é que, com vocês aqui, devem estar com medo de sair – e levantou-se, passou à sala contígua, e deixou-nos sós.

– Tu acreditas nisto? – perguntei.

– Não – respondeu o Mesquita. – Mas espera aí que eu já o caço.

Ficámos ambos calados, e não tardámos em ouvir no corredor um tropel de passos abafados, vozes murmuradas, a porta que se abria e fechava.

Ramon voltou, com o irmão atrás. Era exatamente igual a ele, mas como que uma reprodução ampliada e mais envelhecida (apesar de a diferença de idade, entre eles, ser de apenas um ou dois anos). Apresentou-mo, e ele cumprimentou efusivamente o Mesquita que já conhecia, depois de, com um aprumo que parecia germânico, ter feito uma breve curvatura perante mim.

Estávamos todos de pé, e o Mesquita disse: – Com que então, ontem e hoje, não tiveram descanso a desflorar as virgens?

– Virgens? – repetiu o irmão de Ramon, olhando para nós todos, um após outro.

– Não eram virgens? – insistiu o Mesquita. – Então são manobras de rotina.

– Eram e ficaram virgens – declarou Ramon.

– Ah, então estiveram a ensiná-las a jogar a bisca lambida? – perguntou o Mesquita. – Ou eram só beijinhos e abraços?

– Nem uma coisa nem outra – disse secamente o irmão de Ramon. – Apenas fizemos experiências sobre a elasticidade himénica.

– Mas que interessante! – exclamou o Mesquita. – Andaram então só passeando pelas bordinhas do lago...

– Não propriamente – disse Ramon. – Estivemos experimentando um produto novo, de nosso fabrico, que tem esse efeito.

O Mesquita desatou às gargalhadas: – Mas que grande coisa! O pior é se a elasticidade não dá para coisas grandes!

Os dois irmãos formalizaram-se. E o mais velho replicou: – Dá perfeitamente para dimensões normais. Quer ver?

– As dimensões? Não, obrigado. Mas o produto, isso quero.

O estudante de medicina saiu, e Ramon disse: – Tu julgas que é história, mas vais ficar pasmado.

O outro voltou, apresentando-nos uma latinha de metal, que abriu. Dentro havia uma pomada clara e perfumada.

Mesquita pegou na latinha, aproximou-a dos olhos, do nariz, tocou a pomada com um dedo: – Isto é vaselina, com perfume.

– É? Observe – disse o outro. E foi à estante, trouxe um pedaço de papel de seda, pousou-o em cima da secretária, tirou da mão do Mesquita a latinha, e esfregou com pomada uma área do papel. Depois, segurando o papel esticado, disse-lhe: – Fure com um dedo.

O Mesquita espetou o indicador e pousou-o teso no papel. Este encurvou-se e não rompeu.

– Vês? – disse Ramon.

– Isto não é papel de seda – respondeu o Mesquita.

E o irmão de Ramon disse: – É papel de seda, isto – e erguia a latinha no ar – é que não é vaselina.

O Mesquita ficou interessado: – E como é que isso se põe, para dar efeito?

– Com um dedo. E você mesmo se unta com o produto.

– E vocês estiveram experimentando isso nelas? – perguntei eu.

– Claro – disse o irmão de Ramon. – Bem vê que em prostitutas não seria possível.

Rimo-nos todos. E o de medicina, olhando o relógio de pulso, exclamou: – Desculpem-me, mas tenho de sair.

– Você vai dar-me um bocadinho dessa coisa, para eu experimentar – disse o Mesquita.

– Pode ficar com essa latinha – respondeu ele, e saiu.

Ramon voltou para trás da secretária, enquanto o Mesquita, fechando cuidadosamente a latinha que tornou a cheirar, a guardava no bolso.

Ouvimos a porta da rua bater. E Ramon disse: – Sentem-se, fiquem mais um bocado.

Sentámo-nos. Eu olhei para fora. Já era noite fechada.

– Ó Mesquita – disse eu –, acho que também são horas de irmos para casa.

Ele olhou para o relógio de pulso, e concordou: – E são mesmo. Vamos que eu já ganhei o meu dia – e piscou-me o olho.

Ramon disse: – São apenas seis horas e meia, ainda anoitece cedo. Mas, se vocês esperarem mais uns dez minutos, podem ver uma coisa que nunca viram.

– Outra pomada como esta? O retrato da alma do gafanhoto? – perguntou o Mesquita.

Ramon abriu uma gaveta da secretária, tirou uma pasta de papéis, remexeu nela, e estendeu-nos uma fotografia em que eu peguei. Via-se nela um canivete decapitando um gafanhoto, e sobre este, muito transparente, um outro gafanhoto voava. Passei

o retrato ao Mesquita que disse: – Isto são duas fotografias sobrepostas.

– São – disse Ramon –, porque não foram tiradas no mesmo instante. Mas representam o mesmo acontecimento.

– Que vocês me deem a pomada de elástico, vá – disse o Mesquita. – Mas que tu tornes com essa história, não.

– Eu conto-te outra. Devem estar faltando uns cinco ou seis minutos – disse Ramon, olhando o seu relógio. – Imaginem vocês que, nesta casa, morreu um tio meu, há anos. Aquela estante era dele – nós voltámo-nos e fitámos as cortinas amareladas por trás dos vidros – e, todas as tardes, quando voltava da rua, à mesma hora, ele ia à estante tirar um livro. Na estante, agora, não há nenhum livro dele. Mas sempre, à mesma hora, a porta da estante se abre e fecha. Querem ver? Faltam apenas uns quatro ou cinco minutos.

Eu senti um calafrio, e olhei para o Mesquita. De perna traçada, bamboleava calmamente a perna, de olhos baixos.

– O mais curioso é que meu tio – dizia Ramon – era um livre-pensador, muito trocista de tudo, que não acreditava em nada, e muito menos em espíritos. Mas o caso é que, todos os dias, e mesmo aos domingos, vem procurar um livro na estante. Vão ver.

Ficámos quietos e calados, de olhos fitos na estante.

– Já está passando da hora – disse Ramon –, talvez que hoje não venha.

Um estalido. E a porta da estante abriu-se para trás, parou, e tornou a fechar-se devagar.

Eu sentia frio, uma vontade medonha de sair correndo. Ramon disse: – Viram?

– Como é que tu fizeste isso, meu malandro? – exclamou o Mesquita. E levantou-se, foi até à estante que abriu, experimentando repetidamente o abrir e fechar da porta. Depois, agachou-se, e esquadrinhou as tábuas do soalho nu, e veio vindo de gatas até à secretária. Perto desta, continuou passando as mãos no chão.

A seguir, levantou-se um pouco, e perscrutou o tampo da secretária, com os olhos ao nível do tampo. Pôs-se de pé, ao lado do Puigmal, e, segurando-o pela gola do casaco, insistiu: – Não acredito nisto. Como foi que tu fizeste a porta abrir e fechar?

Ele, com um sacão leve, soltou-se da mão do Mesquita, e levantou os olhos, com as sobranceiras muito arqueadas: – Não fiz nada. Não fui eu quem abriu e fechou aquela porta.

– Então quem foi? – perguntei.

– Meu tio. Eu já tinha dito – respondeu Ramon.

O Mesquita afastou-se em direção à porta: – Anda, vamos embora, antes que a casa caia, e ele diga que foi a avó dele.

O Puigmal levantou-se: – Não teimo com vocês para se demorarem mais um pouco, porque já é tarde. E, quanto à minha avó, que já morreu, essa mudou-se para a nossa quinta, logo que a comprámos. Foi de resto para satisfazer o sonho dela de termos uma quinta que meu pai a comprou.

– E o teu avô? – perguntou o Mesquita, muito calmo. – Tu nunca tinhas falado neles.

– Nunca falei, porque a maior parte das pessoas não acredita nestas coisas. Mas, como vocês iam estar aqui na hora da estante, eu tive de falar. Estes meus avós são os paternos. Meu avô ficou em Barcelona.

– A conspirar pelo condado? – perguntou o Mesquita.

– Exatamente. Não sai do Arquivo provincial, onde sempre estava pedindo certidões e fazendo buscas.

– E vocês, com a família toda em casa, assim invisível, não têm vergonha de fazer experiências da elasticidade, diante deles? Porque podem estar na mesma sala, não podem? – perguntei eu.

– Primeiro, não há que ter vergonha, já que eles deixaram de ter as limitações físicas e morais de que sofriam. E, segundo, porque, desde que não sejam convocados, os espíritos mantêm-se em

dormência, dependentes apenas do lugar de eleição, a que as suas manifestações se reduzem. No caso do meu tio, aquela porta.

Estávamos no corredor, junto da saída.

– Bem, boa noite – disse o Mesquita, e saímos para a escada.

Quando íamos no patamar, ele chamou-nos. Parámos sob a luz forte que iluminava a escada luxuosa e ampla. O Puigmal, escancarando a sua porta, saiu, e desceu o lanço rapidamente, no seu passo atlético.

– Olha, Mesquita, esse produto da latinha ... não é para o que nós dissemos. É uma amostra de creme para a pele, que estamos experimentando. Mas podes pô-lo, que até faz bem. E facilita, é claro.

O Mesquita tirou a latinha do bolso, e o metal brilhou.

– O melhor é ficares com ela, pode fazer-te falta.

– Não, não faz. Guarda.

Eu perguntei: – E as tuas vizinhas são mesmo as tuas vizinhas?

– São – e Puigmal aproximou-se mais –, mas se vocês prometem guardar segredo, eu digo-vos a verdade –. Fez uma pausa dramática. – Não eram elas quem aí estava agora. Tinham vindo muito antes. Quem aí estava eram ... uns catalães.

– Por causa do condado, não? – repetiu o Mesquita.

– Sim, está iminente um levantamento na Catalunha. Mas não contem a ninguém, que eles são anarquistas, e podem matar-nos a todos, se a conspiração falha por nosso descuido.

– E os anarquistas vão pôr vocês de príncipes? – perguntei.

– Não, mas os nossos interesses coincidem no separatismo.

– E se eles proclamam a república catalã, antes de vocês lá chegarem?

– Era precisamente o compromisso que estivemos discutindo hoje.

– E o teu pai – perguntou o Mesquita – não está nisso?

– Meu pai abdicou em meu irmão, e por isso é que se retirou ontem para a quinta.

Não resisti: – Exilou-se?

Ficou imperturbável: – Exilar-se! Isso nem tem sentido. Apenas se afastou, para facilitar as negociações. Boa noite. Amanhã, já volto ao liceu – e, subindo a escada, entrou em casa e fechou a porta.

Saímos para a rua, e andámos longo tempo silenciosamente.

– São doidos varridos – comentei, quando já estávamos longe.

– Talvez – respondeu o Mesquita. E tirou do bolso a latinha que guardara. Parámos junto dum candeeiro, a cuja luz ele examinou a pomada: – Hei de pedir a meu pai que mande analisar isto.

O pai dele tinha, além de uma espantosa coleção de livros pornográficos, um laboratório de análises. Mas, de súbito, ele mudou de ideias, e atirou com a latinha para a valeta: – O melhor é deitarmos fora esta porcaria que a gente não sabe o que é.

– Mas, se o teu pai fizesse a análise, ficávamos sabendo.

– Sabendo o quê?

E eu refleti que ele tinha razão. Sabendo o quê? Que não era creme para a pele? Podia ser unguento para a conquista da coroa catalã... E, mesmo assim, ter poderes para dar elasticidade a membranas de matéria orgânica...